

Lead jornalístico: origens históricas e crítica prospectiva

Mônica Pegurer Caprino

Doutora em Comunicação Social, pela Umesp; professora na Universidade IMES e na Umesp; pesquisadora do NECI - Núcleo de Estudos em Comunicação e Inovação.

Regina Rossetti

Doutora e pós-doutora em Filosofia pela USP; professora na Universidade IMES e na Umesp; pesquisadora do NECI - Núcleo de Estudos em Comunicação e Inovação.

Resumo

A partir da discussão sobre as origens históricas do *lead*, remetida por muitos autores à Antiguidade Grega, este artigo mostra que o *lead* aproxima-se também da lógica formal, de Aristóteles, e não somente de seu tratado de Retórica. Passando pela imprensa americana do século XIX, chega-se à discussão atual sobre o futuro do *lead*, condenado por muitos à rápida extinção na imprensa escrita, mas ainda remanescente na maioria dos textos noticiosos da imprensa diária brasileira.

Palavras-chave: *lead* jornalístico, *lead* e história, jornalismo e filosofia

Abstract

Starting with the historical origins of the lead, remitted for many authors to the Antiquity Greek, this article displays that the lead is also come close to Aristotle's Formal Logic and not only to his treating of Rhetoric. Coming across the American press of century XIX, it brings to the current discussion about the future of lead, condemned by many to the fast extinguishing in the written press, but still remaining in the majority of the journalistic texts of the Brazilian daily press.

Keywords: Journalistic "lead", "lead" history, journalism and philosophy

1. Introdução

Inúmeras críticas já foram feitas ao estilo jornalístico tradicional, que se utiliza da pirâmide invertida como estrutura padrão e, portanto, destaca os fatos mais importantes no primeiro parágrafo da notícia, o *lead*. O jornalista Ricardo Noblat (2004, p. 98) afirmou que “o *lead* convencional morreu”, mas reconhece que a maioria dos jornalistas “fingem que ele está vivo”. Ou seja, ele mesmo, apesar das críticas, se deu conta de que esse formato, que considera ultrapassado, ainda persiste nos jornais diários. Mostrou acreditar que deveria ser deixado

de lado para dar lugar a estruturas que inibissem menos a imaginação e a criatividade dos jornalistas.

A mesma opinião é compartilhada por pesquisadores, como o espanhol Ramón Salaverría (2001). Para ele, a pirâmide invertida é uma ficção de assepsia informativa, pois é sempre uma informação contada por alguém. “As regras redacionais são como se fossem imperativos deontológicos, falam da maneira impessoal de escrever, como se fosse imprescindível para não haver opinião”.

Apesar das críticas, o *lead* sobrevive, o que faz com que indaguemos os motivos para que isso aconteça. A

sobrevida de um formato de texto que aparentemente já foi condenado por muitos também justifica uma análise mais aprofundada de suas origens, dada por alguns como a imprensa americana do século XIX, mas, por outros, como a retórica clássica. Sem fazer um julgamento de sua pertinência na imprensa atual, o que vale analisar é a seguinte questão: de onde vem e para onde vai o *lead*?

2. Discutindo as origens históricas do lead

Muitos autores vão buscar na Antigüidade Clássica as origens históricas da estrutura do *lead*, destacando a influência da retórica em sua criação. É exatamente esta exclusiva conexão entre o *lead* e a retórica que queremos discutir.

Peucer fixou atenção sobre obra de Luciano Samosata, autor satírico do século II, e analisou também relatos de Heródoto, Tucídides, Tácito, Políbio e outros, reconhecendo, segundo Casasús & Nuñez Ladavéze (1991, p. 15), modelos de texto que se assemelham ao *lead* dos tempos modernos. O relato homérico se desenvolvia em uma seqüência que incluía três partes: a primeira e última com os trechos mais importantes e, no meio, os detalhes, a narrativa exaustiva, a exposição cronológica. Era chamado, na Retórica clássica e antiga, de *modus per incrementa* (narrativa segundo a ordem de importância), em contraposição ao *modus per tempora* (na ordem cronológica). Peucer referiu-se ao tipo de forma narrativa dos periódicos pelo nome dado pelos gregos: *miscelânea*, *história variada* ou *multiforme*, chamada também de “coisas desordenadas”. Para o autor, os fatos acontecidos recentemente são narrados de forma embaralhada nos periódicos, como uma história confusa, “para que a alma do leitor receba o impacto de uma amena variedade” (*apud* ROCHA, 2000, p. 207). O mesmo impacto que é oferecido até hoje pela estrutura da pirâmide invertida e que, diante da forma cronológica de se contar uma história, pode dar a impressão de que se embaralharam as partes, começando do fim para o começo. Podemos dizer que a necessidade de ordenar esse material por ordem de importância consolidou a tendência que já vinha da Retórica, de se contarem os fatos, iniciando pelos acontecimentos mais importantes (FONTCUBERTA, 1980, p. 20).

Em princípio, poderíamos compreender que a técnica do *lead* e da pirâmide invertida tem realmente parentesco com a Retórica dos antigos. Afinal, ela necessita de técnicas discursivas que seriam desenvolvidas já na Antigüidade para essa finalidade. Entretanto, primeiro

devemos distinguir as práticas retóricas da Antigüidade da teorização feita por Aristóteles, Cícero e Quintiliano. Nesse sentido, o problema dos argumentos que buscam justificar uma certa aproximação entre Retórica e a pirâmide invertida e o *lead* é que eles apresentam fragmentos contextuais da *Ilíada* e o relato de historiadores, como se fossem exemplos válidos de teorizações precursoras daquela técnica, ao invés de “entrarem” na retórica como técnica de convencimento. Portanto, falta discernir melhor o que é esta Retórica clássica antiga, se estamos tratando da prática retórica ou dos tratados sobre a arte da Retórica.

Um olhar mais apurado sobre a arte da Retórica revela um detalhe fundamental: o que a caracteriza é a argumentação acerca das opiniões e dos juízos de valor. Longe dessa característica, o *lead* é utilizado como um meio de depuração dos contextos narrados, a partir do qual todos os valores e elementos ditos “secundários” dariam passagem aos “fatos” realmente mais importantes. Ora, não é esse o objetivo da retórica, que tem como centro de desenvolvimento a sustentação de valores, de opiniões e de juízos críticos, para muito além da mera narração dos fatos nus. Se o *lead* consiste na apresentação dos fatos com vista ao essencial narrativo, a Retórica não se preocupa com essa máxima concisão, mas com os valores e juízos que podem levar o auditório (interlocutor) a interpretar os fatos conforme o viés pretendido pelo orador. O que não há na atividade retórica é a tal economia que vem a caracterizar a técnica do *lead*. Ao contrário, quanto mais elementos, axiológicos e “decorativos”, puder ter o discurso retoricamente proferido, melhor para a adesão de espíritos do auditório. Neste sentido, o formalismo lógico, como proposto nos analíticos aristotélicos, se aproxima da intenção do *lead*, pois ele tem muito mais a oferecer com os seus princípios e suas categorias – como forma de dar objetividade à experiência factual – do que a teoria da argumentação.

Em seu artigo, “A Antigüidade Greco-Romana, o *lead* e a contemporânea narrativa jornalística”, Karam afirmou que o *lead* tem sua origem na tradição greco-romana:

Cícero, em *De Inventione*, relacionou os aspectos essenciais para que o texto se tornasse completo. Para o famoso orador romano, era preciso responder às perguntas quem? (*quis / persona*), o quê? (*quid / factum*), onde? (*ubi / locus*), como? (*quemadmodum / modus*), quando? (*quando / tempus*), com que meios ou instrumentos (*quibus*

adminiculis / facultas)? e por quê? (*cur / causa*). As proposições de Cícero, originadas na Retórica da Antigüidade Grega, foram paradigma da exposição de acontecimentos nos dois milênios seguintes (KARAM, 2000).

Casasús & Ladavéze também sustentaram a tese de que a forma narrativa da pirâmide invertida se originou na Retórica clássica, e observaram que as seis perguntas normalmente básicas que deveriam ser respondidas pela notícia (o que, quem, quando, onde, como, por que) “não são outra coisa que os *elementa narrationis* simplesmente traduzidos” (1991, p. 20). Veremos que estas perguntas também se aproximam das categorias de Aristóteles, que compõem os tratados de lógica. Assim, se pensarmos em termos de estrutura e objetivo do discurso, não é somente na Retórica de Aristóteles que devemos buscar as origens gregas do *lead*, mas em sua lógica formal, também. Isto porque a retórica procura persuadir, raciocina sobre verossimilhanças e opiniões, não demonstra, como é próprio da lógica formal.

Menos discutível é a tese, geralmente aceita, de que o estilo jornalístico moderno predominante no Ocidente está associado à imprensa americana, ligando-o também ao modo de produção da notícia como mercadoria. De fato, a difusão quase que universal do padrão textual baseado na pirâmide invertida e no *lead* liga-se à transposição de um modelo americano de imprensa, principalmente via agências de notícias. Entretanto, as características básicas do estilo jornalístico são anteriores ao final do século XIX, quando começou a ocorrer a difusão de notícias via agências.

Embora já se prenunciasses essas características do estilo jornalístico nos séculos XVII, XVIII e começo do XIX, não prevalecia, porém, o conceito atual de instantaneidade, e o mais importante não era saber dos fatos logo após acontecidos, mas conhecê-los bem, sem pressa. Não havia a preocupação em se selecionarem as notícias. Ao contrário, o problema era ocupar as páginas dos jornais com as poucas informações disponíveis. Isso fez com que se desenvolvesse o jornalismo de idéias, que se tornou hegemônico até a Metade do século XIX (CASASÚS & NUÑES LADAVÉZE, 1991, p. 17). Não havia, nos jornais, distinção entre notícia e opinião. O jornal defendia idéias e tinha um caráter doutrinário e era destinado a formadores de opinião. “O jornalismo era, ao mesmo tempo, retórico e literário” (LAGE, 1979, p. 11).

Entretanto, mesmo nesse tempo, apareciam textos que se assemelhavam ao moderno estilo jornalístico. Em exemplares da *Gazeta de Barcelona*, de 1772, foram encontradas muitas notícias com dados ordenados segundo o esquema de graduação, que vai desde a informação mais interessante até a mais supérflua (CASASÚS & NUÑES LADAVÉZE, 1991, p. 18).

O estilo jornalístico tomou suas feições definitivas no século XIX, nos Estados Unidos. Com a introdução da publicidade e a tentativa de fazer o jornal ser aceito por mais pessoas, iniciou-se uma demarcação entre dois espaços distintos nos periódicos: o de informação e o de opinião (GOMIS, 1991, p. 54).

As novas feições dos jornais – que passavam a se tornar empresas dentro do modo capitalista de produção – resultaram em conseqüências no texto jornalístico e tiveram também grande influência das inovações tecnológicas. O advento do telégrafo, em 1840, consolidou as principais mudanças na estrutura das notícias (FONTCUBERTA, 1980, p. 20).

O envio de notícias via telégrafo fez crescer o volume de material informativo nos jornais. Inicialmente, os telegramas eram incluídos na íntegra, mas o número excessivo de informações tornou necessário que houvesse uma ordenação e seleção do material.

O estilo jornalístico da notícia, baseado na pirâmide invertida, também está ligado a procedimentos utilizados nos Estados Unidos, durante a Guerra de Secessão (1861-1865). Vários jornalistas foram mandados ao campo de batalha e enviavam notícias via telefone. Com a precariedade do sistema, era necessário que as informações mais importantes fossem passadas de imediato. Cada um ditava um parágrafo da notícia de cada vez, era uma roda de informações. Ao se acabar a primeira rodada de transmissões, iniciava-se o ditado do segundo parágrafo, e assim até o final. “Havia nascido a pirâmide invertida” (FONTCUBERTA, 1980, p. 21).

Esse formato de texto pode ser observado em um exemplo retirado do *New York Times*, de 16 de abril de 1865: “Andrew Johnson foi empossado hoje no cargo de presidente dos Estados Unidos pelo juiz da Corte Suprema, às 11 horas” (EMERY, 1965, p. 334).

As agências noticiosas também exercem papel fundamental não só na implantação como na difusão do estilo jornalístico. A mais influente, inclusive na difusão do estilo de texto noticioso, foi a *Associated Press*, criada

em 1870, a partir de associação de jornais de Nova Iorque, que pretendiam obter mais notícias a preço mais baixo (EMERY, 1965, p. 250). A maneira direta e objetiva de redação da *Associated Press* e de outras agências se difundiu a partir dos despachos anônimos que começaram a chegar a todo o mundo.

Durante o século XX, o estilo jornalístico surgido nos EUA se difundiu mundialmente e predominou em relação ao padrão textual da notícia. É claro que apareceram outros estilos ligados a outros gêneros jornalísticos. Com a Segunda Guerra, surgiram matérias com maior profundidade de comentários. Os próprios correspondentes começaram a enviar notícias com dados suplementares, que ajudavam na interpretação (FONTCUBERTA, 1980, p. 27).

“Na verdade, esse estilo que valoriza a objetividade não alcança por igual todos os gêneros do jornalismo” (LAGE, 1998). Nas grandes reportagens dos jornais diários e, principalmente, nas revistas, os recursos estilísticos são outros, sem o objetivo de manter padrões de objetividade e neutralidade.

Nas notícias dos jornais diários, porém, o formato textual internacionalizado a partir da imprensa americana tornou-se padrão. Lage afirmou que “não se pode falar, hoje, em um modelo americano: jornais escrevem-se mais ou menos da mesma maneira, seja na Finlândia, seja na China” (1998).

3. A pirâmide invertida e o lead

A forma de estruturar os textos jornalísticos que se cristalizou na imprensa moderna é aquela chamada pelos autores de pirâmide invertida. Consideramos, aqui, como estrutura a maneira de construir o texto e ordenar as informações.

O termo pirâmide invertida se justifica quando se faz a comparação dessa estruturação com a normalmente utilizada na narrativa convencional, inclusive literária. Normalmente, uma narrativa é elaborada em ordem cronológica, com a apresentação de elementos em ordem crescente de importância, até chegar a um clímax ou desfecho com as informações mais importantes. Na pirâmide invertida, a narração se faz exatamente da maneira inversa, com a apresentação primeira dos fatos mais importantes e a narrativa se desenrolando na ordem decrescente de importância.

Essa estrutura de texto se caracteriza por começar com um resumo, ou sumário do fato noticioso, o *lead*, ao que se seguem outras informações, com explicações e contexto dos acontecimentos.

Além de estar ligada a objetivos de transmissão rápida da informação, devido à escassez de tempo e espaço no mundo moderno, a implantação da pirâmide invertida também aconteceu devido ao processo de produção da época de seu surgimento. A partir do final do século XIX, no Brasil, até a década de 1960, em alguns jornais, redatores escreviam suas matérias sem um tamanho preestabelecido, ficando posteriormente a cargo dos diagramadores cortá-la se fosse necessário. Para isso, a forma de estruturar o texto a partir da pirâmide invertida era bastante conveniente para necessários cortes ou adaptações. Daí surgiu a expressão “cortar pelo pé”, ou seja, cortar o fim da matéria. Isto significa que, em caso de escassez de espaço, eram simplesmente retirados os últimos trechos do texto, sem prejuízo da informação, uma vez que, no pé da pirâmide, estavam os detalhes dispensáveis da história.

Com o advento do planejamento gráfico antecipado da edição e da pré-diagramação, reforçados com a implantação dos computadores nas redações, jornalistas já dispõem, hoje, antes de finalizar a matéria e, muitas vezes, até antes de sair à rua para a reportagem, de informação sobre o tamanho de seu texto. Assim, procuram utilizar todo o espaço disponível, geralmente pequeno, com informações relevantes, aproximando a estrutura da notícia mais a um trapézio invertido, ou mesmo um retângulo, do que à pirâmide.

Neste sentido, podemos dizer que a pirâmide perdeu o pé e não há mais, na maioria das notícias, as informações dispensáveis. A figura da pirâmide invertida, como metáfora do texto jornalístico, tem sido bastante criticada. Nilson Lage afirmou: “jamais utilizei nem aprecio a metáfora da pirâmide invertida” (2001). Já Adelmo Genro (1987, p. 45) tentou justamente descobrir “o segredo da pirâmide”. Para ele, a pirâmide invertida é uma estrutura pela qual o leitor informa-se brevemente e não pergunta pelas circunstâncias dos fatos, ou seja, “não foi planejada para chamar o leitor à reflexão”. Ele defendeu que a pirâmide invertida deve ser revertida e a notícia deve ser escrita da singularidade do fato para a particularidade que o contextualiza. “O segredo da pirâmide é que ela está invertida, quando deveria estar como as pirâmides seculares do velho Egito: em pé, assentada sobre sua base natural.”

O principal elemento da estrutura da pirâmide invertida é o *lead*, o primeiro parágrafo da notícia. “Nos textos noticiosos, deve incluir, em duas ou três frases, as informações essenciais que transmitam ao leitor um

resumo completo do fato. Precisa responder às questões fundamentais do jornalismo: o que, quem, quando, onde, como e por quê” (MARTINS FILHO, 1990, p. 42).

Independente de sua origem – na Antigüidade Greco-Romana ou na imprensa norte-americana do século XIX –, Nilson Lage (1997, p. 2) afirmou que “o *lead* se inspira na maneira corrente de as pessoas contarem umas às outras os fatos singulares a que assistem”. Assim, ao se fazer uma narração oral de um acontecimento, é natural começar pelo mais relevante, com o objetivo evidente de atrair a atenção do interlocutor. “Não é verdade que o *lead* descontextualize o fato: apenas faz com que a exposição do fato anteceda a exposição do contexto” (1997, p. 5).

Lage fez estudos sobre o *lead*, comparando-o à proposição completa de Aristóteles. “Teríamos, assim, o *lead* como sentença longa, constituída de uma proposição nuclear (quem fez – ou foi, ou disse – o que) e o maior número disponível de circunstâncias do evento” (1998). Outro ponto interessante levantado pelo autor é a possibilidade de várias ordenações do *lead*, iniciando pela notação que for mais interessante ao leitor, seja o sujeito, seja o local do acontecimento, por exemplo. Do ponto de vista do *lead* jornalístico, “Kennedy foi morto por um desconhecido” é melhor do que “um desconhecido matou Kennedy”, porque a notação “Kennedy” é mais relevante do que a notação “um desconhecido” (LAGE, 1998).

Embora muitos tenham a idéia de o *lead* equivaler a um período, ele pode ser distribuído em vários períodos do mesmo parágrafo lógico, isto é, da mesma unidade de sentido. O parágrafo lógico coincide frequentemente com o parágrafo gráfico, mas isso não é obrigatório (LAGE, 1997).

Teun Van Dijk foi um dos autores que analisaram a estrutura do texto jornalístico (ou discurso da notícia, na nomenclatura usada pelo autor). Ele reconheceu, nesse discurso, algumas estruturas fixas e afirmou que essas propriedades organizacionais se relacionam com condições sociais, culturais e cognitivas (VAN DIJK, 1996, p. 123). Ele chegou a essas conclusões analisando 250 jornais de mil países. Para Van Dijk (1996, p. 133), a principal característica do discurso jornalístico seria a sumarização. Manchete e *lead*, juntos, exprimem a macroestrutura do escritor, usados para exprimir e inferir o tema. Para o autor, na manchete, somente uma parte da informação é promovida a tópico principal. Poderíamos contrapor à sua argumentação a idéia de que manchete e *lead* não teriam exatamente a mesma função.

O *lead*, de fato, sumariza a notícia, mas não há como a manchete resumir as informações principais. É de sua natureza – e todo jornalista sabe disso – destacar um ponto mais importante da notícia. Não podemos esquecer, inclusive, que ele é, muitas vezes, ponto de venda para o jornal. Além disso, no jornalismo moderno, essa sumarização seria feita por meio de diversos elementos: título, *lead*, linha fina, chapéu, além de legenda e janelas. Assim, parece lógico que título e *lead* não se fundam no mesmo objetivo.

4. A origem grega do *lead* também está próxima da Lógica formal de Aristóteles

No corpo da grande obra de Aristóteles¹, temos o *Organon*, um conjunto de tratados de lógica. Uma parte destes tratados deu origem à longa tradição da lógica formal, sobretudo, usada pela ciência e sua objetividade. Estes textos sobre a lógica formal não representam o único aspecto da investigação aristotélica acerca da linguagem. A outra parte do *Organon* é composta por livros dedicados à arte da argumentação em geral: *Tópicos*, que trata da arte de conhecer e estabelecer o verossímil, mediante a dialética, e *Dos argumentos sofisticos*, que serve para não dar por verdadeiro o que só é verossímil. Estes dois livros, juntamente com o livro *Retórica*, formam um conjunto que deu origem à corrente que investiga outro tipo de comprovação racional: o tipo argumentativo ou persuasivo. Assim, a lógica de Aristóteles é dividida em lógica formal e lógica dialética ou argumentativa, sendo a última a que serve de instrumento para a Retórica.

Marilena Chauí assim explicitou a dialética e a retórica: “Aristóteles considera que a dialética não é um procedimento seguro para o pensamento e a linguagem da filosofia e da ciência, pois tem como ponto de partida as meras opiniões contrárias dos debatedores, e a escolha de uma opinião em vez de outra não garante que se possa chegar à essência da coisa investigada. A dialética, disse Aristóteles, é boa para as disputas oratórias da política e do teatro, para a retórica, pois esta tem como finalidade persuadir alguém, oferecendo argumentos fortes para que convençam o oponente e os ouvintes. É adequada

³ Aristóteles nasceu em 384 a.C., em Estagira, cidade de população grega na região da Macedônia. Ainda jovem, foi para Atenas e ingressou na Academia de Platão, onde permaneceu por 20 anos, até a morte de seu mestre. Foi predecessor de Alexandre, o Grande. Fundou o Liceu, em Atenas, escreveu obras de incontestável valor e morreu em 322 a.C.

para os assuntos sobre os quais só existem opiniões e nos quais só cabe a persuasão, mas não para a Filosofia e a Ciência, porque, nestas, interessa a demonstração ou a prova de uma verdade.” (CHAUI, 2004, p. 107). Na retórica, poderíamos encontrar a origem dos textos jornalísticos opinativos. Nesse sentido, quando buscamos dizer aquilo que é essencial, como busca o *lead*, é mais adequado um instrumento de demonstração e definição, como é a lógica formal ou analítica.

Ao redigirmos uma notícia, temos que ter em mente, de início, as interrogações seguintes (tão velhas quanto atuais): *quê? quem? onde? quando? como? e por quê?*. Teremos, então: *que? e quem?* – a substância; *onde? quando? como? e por quê?* – os acidentes” (AMARAL, 1978, p. 64). Ao usar o *lead* para informar o principal no primeiro parágrafo, o jornalismo se aproxima da ciência que busca definir de forma precisa aquilo que enuncia. Assim, o *lead*, com sua objetividade e pretensa neutralidade, evitando o julgamento, atenta aos fatos apurados, num relato que ganharia em legitimidade sobre as versões particulares de cada fonte, busca estar longe das opiniões e busca o puro relato do fato, tem por objetivo “o que é tal como deve ser”, agindo de forma científica.

Coerente com a origem lógica do *lead*, Nilson Lage (1997) afirmou que “Aristóteles teorizou sobre isso, criando a noção de proposição completa – isto é, aquela que consiste do sujeito, do que lhe é predicado e das circunstâncias da predicação. É daí que vem a síntese de Lasswell – quem ou que, o que, onde, como (e com que), por que e para quê”.

Para Aristóteles, uma proposição é constituída por elementos que são seus termos. Os termos são as categorias de Aristóteles. Uma categoria é aquilo que serve para designar uma coisa. São dez as categorias de Aristóteles: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, posse, ação e paixão. As categorias indicam o que uma coisa é ou faz, ou como está. Algumas se relacionam diretamente com as perguntas a que o *lead* deve responder: a substância responde à pergunta “quem” ou “o que”, enquanto que a categoria de tempo responde ao “quando” e a de lugar, ao “onde”. O “como” já não é tão explícito, mas pode ser respondido fazendo uso das categorias de posição, ação ou paixão. O “por que” diz respeito às causas, que, em Aristóteles, são quatro: final, formal, material e origem. A proposição é uma predicação a uma atribuição. A proposição atribui

um predicado a um sujeito. A categoria da substância é o sujeito, e as demais categorias são predicados atribuídos ao sujeito. A atribuição é feita por meio do verbo de ligação ser. No *lead*, atribui-se ao sujeito (“quem” ou “o que”) um predicado de lugar (“onde”), de tempo (“quando”), de modo (“como”) e de causa (“por que”).

5. O *lead* terá futuro na imprensa diária?

O formato de texto que hoje impera nas notícias tem uma história longa, que antecede, como seu viúvo, a moderna imprensa e os avanços tecnológicos. A partir desse contexto histórico, podemos refletir sobre o estilo jornalístico de hoje e perspectivas de mudanças.

A trajetória desse padrão textual permitiu perceber que está baseado em raízes greco-latinas de narrativa e sua existência vai além da influência americana, talvez o que justifique sua existência e cristalização.

Em se tratando de formato textual para as notícias, provavelmente o *lead* ainda sobreviverá muito tempo. Mesmo que discutamos a crise da pirâmide invertida, o padrão textual tende a se modificar somente quando o jornal impresso abandonar definitivamente o objetivo de ser factual e passar a privilegiar a análise e a interpretação. Para a notícia, esteja ela em qualquer veículo (e aqui tomamos o termo notícia como relato de fatos objetivos acontecidos num tempo recente), aparentemente a pirâmide invertida ainda continuará sendo o formato privilegiado. E isso reside justamente no fato de ter sua origem ligada à maneira oral de se relatar uma história e a tradições que vêm da Antiguidade. Alguém já se imaginou contando a um amigo sobre a queda das torres do *World Trade Center* e começar o relato pelo clima daquele dia antes de falar do atentado?

O que deve acontecer, na verdade, é a convivência desse estilo com outros, possivelmente mais ricos, que sejam utilizados para análise e aprofundamento das notícias em matérias de outros gêneros, complementando a informação do fato.

No caso da notícia, do relato de um fato acontecido, dificilmente podemos escapar da forma que privilegia a informação mais importante no início do texto. O que podemos é, sem dúvida, fazer isso de modo competente.

Referências

AMARAL, Luís. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

CASASÚS, Josep & NUÑES LADEVÉZE, Luiz Maria. *Estilo y géneros periodísticos*. Barcelona: Ariel, 1991.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2004.

EMERY, Edwin. *História da imprensa nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

FONTCUBERTA, Mar. *Estructura de la noticia periodística: – textos de periodismo*. 2.ed. Barcelona: ATE, 1980.

GENRO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Como se forma el presente*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991.

KARAM, Francisco José. *A Antigüidade Greco-Romana, o lead e a contemporânea narrativa jornalística*. Centro Internacional de Prensa. Miami: Universidad Internacional de La Florida, 2000.

LAGE, Nilson. “Comentários à dissertação *Discurso Jornalístico, uma abordagem cognitiva em sala de aula de Luzinete Carpin Niedzieluk*”. [Internet] 21

fevereiro 2001. Disponível via www: <http://www.jornalismo.ufsc.br/luzinete.doc>.

_____. *Gramática do texto jornalístico*. [Internet]. 1998. Disponível via www: <<http://www.jornalismo.cce.ufsc.br/nildis.html>>.

_____. *Ideologia e técnica da Notícia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. “O lead clássico como base para automação do discurso informativo”. In: XX Congresso da Intercom. Santos-SP, 1997.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. *Manual de redação e estilo de O Estado de S.Paulo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROCHA DIAS, Paulo da. *Os relatos jornalísticos (Leipzig, 1690: a primeira tese doutoral em jornalismo). Comunicação e Sociedade*. São Bernardo do Campo: Umesp, n. 33, p. 199-214, 2000.

SALAVERRÍA, Ramón. *Manuales de periodismo*. 2001.

VAN DIJK, T.A. *Estruturas da notícia na imprensa*. In: KOCH, Ingedore Villaça (org.). *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1996. p. 122-156.

_____. *La noticia como discurso: comprensión, estructura y producción de la información*. Tradução de Guillermo Gal. Barcelona: Paidós, 1996.